

SPOTLIGHT E O JORNALISMO NA LUTA CONTRA O MAL¹

Alkênia Kdyna Galdino SILVA²

Gleison Teixeira de LIMA³

Jorge Lucas Vieira AMÂNCIO⁴

Prof. Dr. José Ricardo da SILVEIRA⁵

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN.

RESUMO:

O seguinte artigo tem por finalidade realizar uma análise do filme “*Spotlight: Segredos Revelados*”, focando na atuação dos jornalistas como representantes que lutam por causas sociais ao denunciar as injustiças do mundo humano. Isso ocorre durante a investigação de casos de padres da Igreja Católica que molestaram e abusaram sexualmente de mais de 80 crianças, somente na cidade de Boston, EUA.

PALAVRAS-CHAVE: *Spotlight*; Análise fílmica; Jornalismo investigativo; Representação social.

INTRODUÇÃO

O jornalismo é uma profissão bastante admirada, pelo menos, alguém da família irá atuar nessa área, seja diante das câmeras ou nos bastidores, pois ela tem grande influência sobre a população, já que está presente em qualquer meio de comunicação fazendo a cobertura de fatos, que possuem um valor precíval para os consumidores de informações.

Devido a isso, uma aura de herói justiceiro recai sobre o jornalista e ela é tão forte e tão presente, que aqueles que a enxergam ficaram admirados e abobalhados, crendo que o profissional está ali para defender as injustiças do mundo e dar voz aos socialmente oprimidos, algo que Nelson Traquina (2005) conceitua como mitos da profissão, pois o

¹ Trabalho apresentado no **IJ 1 – Jornalismo** do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da UERN, email: alkenia@gmail.com.

³ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da UERN, email: gleisonteixeira100@hotmail.com.

⁴ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da UERN, email: jorge.amancio@yahoo.com.br.

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da UERN, email: j_silveira@yahoo.com.

jornalista assume o papel de servidor público passando a falsa impressão de que está a serviço do bem comum.

Entretanto, não se pode negar a existência uma pequena parcela que realmente luta pela igualdade de gênero, democracia, contra o preconceito, machismo e racismo, e que assume o papel de representante dos movimentos sociais. Alsina (2009) diz eles atuam como cães de guarda que fiscalizam o Poder do Executivo, Judiciário e Legislativo. Os jornalistas mostram-se como Davi enfrentando o gigante Golias.

Esses jornalistas trabalham seguindo os moldes do jornalismo investigativo, “seu foco é apurar e divulgar informações sobre atos desviantes que afetem o interesse público e que sejam prejudiciais à sociedade” (AGUIAR, 2006, p. 74), assim denunciando as injustiças do sistema e divulgando histórias, digamos, para tornar o mundo em um lugar mais tolerante.

As histórias contadas por eles transcenderam as páginas dos jornais para as telonas do cinema, inclusive, alguns deles receberam o Oscar, prêmio máximo do audiovisual.

Nisso pode citar os filmes: Cidadão Kane (1941), A Montanha dos Sete Abutres (1951), O Beijo no Asfalto (1981), Todos os Homens do Presidente (1976), Rede de Intrigas (1976), O Preço de uma Verdade (2003), Boa Noite e Boa Sorte (2005), O Abutre (2014) e o mais recente lançado, *Spotlight: Segredos Revelados* (2005).

O presente artigo pretende realizar uma análise fílmica de “*Spotlight: Segredos Revelados*”, durante a cobertura da denúncia de um caso de abuso sexual e pedofilia envolvendo padres da Igreja Católica de Boston, EUA. O relacionamento deles com as vítimas, os colegas de trabalhos, com amigos e familiares, e como representam os menos favorecidos que saem prejudicados por um sistema falho, que insiste em privilegiar uma maioria (minorias) financeiramente vantajosa.

SPOTLIGHT: Segredos Revelados

Lançado em 2015, o filme do gênero drama é baseado em uma história real, que conta sobre a investigação de um grupo de repórteres do jornal “*The Boston Globe*”, que apuram casos de abuso sexual e pedofilia por padres da Igreja Católica no ano de 2002.

Eileen McNamara (Maureen Keiller) escreve em sua coluna social sobre o caso de um padre que molestou mais de 80 crianças, em seis paróquias diferentes, ao longo de 30 anos, conhecido como Caso Geoghan. Toda a coluna se baseia no relato do advogado das vítimas,

Mitch Garabedian (Stanley Tucci), que possui provas incriminando o Cardeal Bernard Law (Len Cariou) de acobertar a história.

O novo editor do jornal Marty Baron (Liev Schreiber) se interessa e faz uma reunião de pauta para que fosse feita uma apuração mais detalhada, entretanto, muitos dos presentes se mostraram receosos em dar continuidade, já que estão falando da Igreja Católica e 53% dos assinantes são católicos praticantes.

Então, decide passar o caso para a *Spotlight*, um grupo de jornalistas responsáveis por matérias especiais, realizando investigações que podem demorar meses para serem concluídas. Liderados por Walter ‘Robb’ Robinson (Michael Keaton), os repórteres Sacha Pfeiffer (Rachel McAdams), Mike Rezendes (Mark Ruffalo) e Matt Carroll (Brian d'Arcy James) precisam procurar pelas vítimas para recolher os seus depoimentos e confrontar com o da Igreja, porém, seus nomes estão nos documentos que Garabedian utilizou para processar os padres por abuso sexual, e o Cardeal Law pediu o sigilo deles no tribunal. Resta a Baron processar também a Igreja para os obter.

O filme dirigido por Tom McCarthy traz um assunto bem delicado para se discutir os casos de pedofilia envolvendo a Igreja Católica, que não parece estar disposta assumir a culpa, além de mostrar a sua má fé de acobertar os abusos pagando indenizações para as vítimas ficarem caladas, e realocarem os padres para outras paróquias.

Assim como a história original, que recebeu o Prêmio Pulitzer de Serviço Público em 2003, o filme recebeu seis indicações ao Óscar 2016 e vencendo nas categorias de Melhor Roteiro Original e Melhor Filme, sendo aclamado criticamente e com um total de 96% de aprovação no Rotten Tomatoes⁶, baseado em 302 resenhas, e pontuado 93 de um total de 100 no Metacritic⁷, baseado em 45 resenhas.

Spotlight se assemelha a outro filme do mesmo gênero, Todos os Homens do Presidente (1976) em que dois jornalistas investigam o escândalo de Watergate para o jornal Washington Post e acabam descobrindo uma rede de espionagem e lavagem de dinheiro, o que resulta na renúncia do então presidente dos EUA, Richard Nixon.

Os dois filmes trabalham mostrando os bastidores de investigações que resultaram na revelação de grandes escândalos que chocaram a sociedade. Tudo possível, graças à atuação de jornalistas que veem o jornalismo investigativo como uma arma para ser usada na luta contra um sistema opressor.

⁶ **Rotten Tomatoes** é um site especializado em críticas de filmes e séries de televisão.

⁷ **Metacritic** é um site especializado que reúne críticas dos mais importantes veículos de comunicação.

Antes de partir para a análise fílmica, iremos discorrer sobre algumas definições de jornalismo investigativo, seu surgimento no Brasil e que forma pode ser usado para a defesa de causa sociais.

O JORNALISMO INVESTIGATIVO

O jornalismo é uma atividade muito ampla, possibilitando inúmeros segmentos para o profissional formado atuar. É algo tão multi que como diz Sant'Anna (2009) se torna difícil, até mesmo impossível, fazer uma conceituação concreta e exata, apesar de alguns autores defini-lo como a transmissão da informação de modo simples e compreensível.

“Definir o que é jornalismo é uma tarefa difícil, quase que impossível. Uma das razões desta dificuldade é a impossibilidade de concebê-lo enquanto uma atividade homogênea, estável e imutável. As múltiplas definições e concepções teóricas do que vem a constituir o jornalismo são baseadas em referenciais distintos que mudam dependendo da época e do modelo cultural em que estão inseridos” (SANT'ANNA, 2009, p. 434).

Em contrapartida, mesmo existindo essa dificuldade, nas palavras de Sant'Ann (2009, p. 434), pode-se fazer uma delimitação do “campo de atuação se baseando em referenciais, tais como critérios de acesso a profissão, referenciais éticos comuns, valores e paradigmas”. A partir dessa delimitação, destaca-se o jornalismo que é conhecido hoje, como o político, cultural, esportivo, opinativo e o investigativo.

De acordo com Aguiar (2006, p. 74-75), o jornalismo investigativo pode ser entendido “[...] como uma forma de reportagem extensa que exige longo tempo de trabalho na apuração das informações por parte dos repórteres”. Geralmente, as investigações começam quando uma denúncia (anônima ou não) chega a redação, portanto, é preciso fazer uma apuração aprofundada, consultando as mais diversas fontes em busca de informações que corroborem com essa denúncia, por isso pode levar meses para ser concluída. E o resultado será a revelação da verdade escondida, seja sobre o desvio ou lavagem de dinheiro ocorrido no atual governo, ou a citação de empresários em tal lista, isto é, aquela verdade que causará indignação moral na sociedade (MELO, 2015, p. 2).

Melo (2015) diz que para uma reportagem seja caracterizada como investigativa, precisa-se atender três pré-requisitos: “1) A investigação deve ser fruto do trabalho de um jornalista; 2) O tema da investigação deve ser relevante para o leitor; 3) O assunto deve ser algo que alguém está tentando ocultar do público”. Esses pré-requisitos foram baseados na

definição de jornalismo investigativo da instituição americana IRE⁸ (*Investigative Reporters and Editors*).

No Brasil, o jornalismo investigativo só começou a se estabelecer após o período da Ditadura Militar (1964-1985). Essa época negra foi marcada, principalmente, pela extrema censura e repressão à imprensa brasileira.

Para os vários generais que comandaram o Palácio do Planalto não seria interessante que os jornalistas começassem a fuçar os documentos e sessões de torturas, promovidos pelos militares a qualquer um que fosse contra o governo, os chamados “comunistas”, que lutavam pela volta da democracia e liberdade de expressão.

Na era Collor foi quando as investigações ficaram mais organizadas nas redações, tendo até grupos de jornalistas destinados a elaboração de matérias especiais, e isso ocorreu graças aos “sucessivos escândalos ocorridos entre 1990 e 1992, durante a gestão do presidente Fernando Collor de Mello, resultaram em uma febre investigatória francamente disseminada na imprensa nacional” (FORTES, 2005, p. 9).

Então, viu-se a necessidade de sistematizar as práticas de investigações e criar a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativos (Abraji), em 2002, um órgão responsável pela sua regulamentação, que foi um marco na história do jornalismo investigativo no Brasil.

O jornalista que trabalha com o jornalismo investigativo assume responsabilidade social de atender as demandas da sociedade, em especial, as minorias, pois irão denunciar e evidenciar os crimes que são de interesse público, e do ponto de vista ético, “assegura que o jornalismo investigativo está demarcado como um esforço político da categoria profissional dos jornalistas para evidenciar casos de corrupção e injustiças sociais, descrevendo esses acontecimentos em linguagem jornalística” (AGUIAR 2006, p. 74 *apud* LAGE, 2004, p. 139).

CLARK KENT E LOUIS LANE: OS JORNALISTAS NA LUTA CONTRA AS INJUSTIÇAS SOCIAIS

No filme, somos apresentados à equipe de repórteres do “*Spotlight*”, uma subdivisão do jornal impresso “*The Boston Globe*”, que possuem um local de trabalho diferenciado dos demais, onde têm mais liberdade e tranquilidade de apurar e escrever as reportagens, já que é composto apenas por quatro jornalistas.

⁸ **Investigative Reporters and Editors** é uma organização sem fins lucrativos que regulamenta as diretrizes da reportagem investigativa nos EUA.

Diferente da maioria dos jornalistas da redação, que passam todo o tempo sentado em seus cubículos, telefonando através de fontes para endossar as matérias. Eles representam bem os repórteres que vão à rua, procuram por histórias, conversam com as pessoas e mantêm contato com elas, pois é assim que se conseguem detalhes importantes que podem passar despercebidos.

No caso de “*Spotlight*”, eles trabalham com jornalismo investigativo, averiguando e indagando as vítimas que sofreram abuso sexual por padres da Igreja Católica, buscando diversas fontes para se estabelecer uma linha de pensamento comum, a de relatar a dor sentida, infligida, causada por essa agressão. Como diz Sant’Anna (2009, p. 436), essas buscas “realçam a função de investigar e interpretar os fatos”, e ao final, quando for feito o corpo do texto da matéria, os leitores poderão despertar empatia pela história.

Esse tipo de jornalismo que somos apresentados é defendido por Abreu (2003, p. 26), e introduzido por Watine (1996), como “jornalismo cidadão”, além de fornecer informações ao público, “[...] simultaneamente, lhes dá a possibilidade de levar suas demandas até os responsáveis pelas decisões que afetam a vida em sociedade”. Um dos seus desígnios é garantir a atuação da justiça perante os direitos dos cidadãos.

Ao longo do filme, vemos imagens dos personagens principais no escritório, no metro, na biblioteca, na praça e em casa com papeis, lendo notas, escrevendo alguma coisa, revisando anotações, entre outros, deixando claro que o jornalista não tem hora para terminar, a todo momento tem que fazer algo produtivo. Isso ficou bem claro, num dia de domingo, quando Mike Rezendes saiu para correr, como uma forma de relaxar e espairar a mente, mas logo depois volta para o jornal ver o andamento da cobertura da história.

Traquina (2005, p. 53) destaca que uma das naturezas do jornalista é a dos sacrifícios pessoais, isto é, uma dedicação total a profissão, “o jornalismo não é uma simples ocupação, um passatempo; é mais que um trabalho porque é uma vida. O jornalista casa-se com a profissão [...] o jornalista trabalha 24 horas por dia”.

E os repórteres de *Spotlight* estão tão focados em levar justiça para as vítimas, pois perceberam que por muito tempo a Igreja veio cometendo esse crime e jogando a sujeira para debaixo do tapete, que eles se tornam “viciados no trabalho”. Porém, essa dedicação acabará prejudicando os relacionamentos e o desempenho no trabalho, porque o excesso de trabalho gera estresse, o mal que desgasta o emocional. Um exemplo é o personagem de Mark Ruffalo, Mike Rezendes, seu estresse chega ao ponto de ele brigar com o seu chefe Robb para publicar a história.

O estresse também aumenta pela descrença dos colegas de trabalho, que os confronta tentando persuadir os repórteres de “*Spotlight*” a desistirem da investigação, já que mais de 53% dos assinantes do jornal são católicos. Inclusive, esses mesmos colegas fazem uma aposta para ver quanto tempo iriam perder nesse caso.

Waisbord (2004, p. 2) relata que o veículo de comunicação é propenso a dar uma atenção mínima aos problemas das minorias, justamente, por ser regido pelas leis do comércio, aquilo que não for lucrativo não é interessante ser noticiado. E no caso do filme, são os assinantes católicos.

Ao realizar as investigações, a equipe *Spotlight* busca vítimas que estejam dispostas a relatar suas experiências com essa violência. Uma fonte importante para o andamento da investigação foi o do fundador da SNAP (Sobreviventes de Abusos por Padres, tradução livre), Phil Saviano, criado para dar suporte àqueles que sofreram abuso sexual. Ele revela o perfil das crianças-alvo como sendo vulneráveis de família de baixa renda, podendo ser de lares destruídos ou com pais ausentes. Algumas ainda tentam processá-los, mas nem todas conseguem aguentar o processo de tramitação da ação contra os padres abusadores, que pode durar até meses, sem falar da falta de apoio dos familiares e amigos. No final, acabam aceitando a indenização, uma forma de calar a boca das vítimas.

Algumas dessas conversas aconteceram em off possibilitou-se criar uma certa intimidade entre eles, de confiança, desse modo, o jornalista protege o nome de suas fontes, garantindo a sua integridade, pois sem elas não há história a ser contada. Esse relacionamento é sagrado e protegido por lei, como diz Traquina (1993), “a Lei de Imprensa concede o direito ao jornalista de, mesmo em tribunal, não revelar a identidade de sua fonte de informação”.

Toda a investigação é feita com cuidado redobrado, os dados recolhidos e o andamento são mantidos em segredo, até mesmo, dos próprios colegas de trabalho, para não haver o vazamento dela e despertar o interesse de jornais concorrentes, “As notícias são vistas como um ‘bem altamente perecível’ ” (TRAQUINA, p. 37, 2005). Isso ocorre porque o mundo do jornalismo é regido pela Lei do Ganho, ou seja, ganha quem der a notícia primeiro.

O interessante é que a equipe não se concentra só em um lado da história, eles buscam também a opinião de advogados, de ambos os lados, e de especialistas, “fazer jornalismo não significa exclusivamente exercer uma relação de oposição ou de fiscalização” (SANT’ANNA, 2009, p. 437), e sim, analisar todos os fatos detalhadamente para enfim transmiti-los de forma sucinta. Um deles é o dr. Richard Sipe (Richard Jenkins), um ex-padre que abandonou o celibato para se casar com uma freira, e agora se dedica ao estudo dos transtornos sexuais, e informa que pelo menos 90 dos padres de Boston têm alguma perversão.

Esse dado é conferido no Catálogo da Diocese, que traz informações sobre todos os padres de Boston e constatou-se que 87 deles tinham sido afastados de suas atividades por “licença médica, ausência justificada, sem atribuição ou trabalho emergencial”. Após essa descoberta, a equipe confronta o advogado Eric MacLeish (Billy Crudup) e exige a liberação dos nomes das vítimas e dos acordos que realizaram com a Igreja, porém ele diz que já repassou tudo 20 anos atrás ao jornal. O processo não era nada sem o interesse da imprensa.

O filme mostra as reuniões de pautas que são realizadas entre os editores e a equipe para atualização do andamento das investigações, em uma delas, Baron diz para ir atrás do sistema, mostrar que foram negligentes e que acobertaram a história toda, mas para isso precisa dos documentos sigilosos da Igreja. Nessa situação vemos o jornalista como uma peça perigosa, que pode derrubar todo um sistema histórico.

O jornalista ganha a característica de anti-herói, do protagonista que faz algo errado para conseguir se sobressair, no caso, Rezendes suborna um funcionário do Tribunal para obter os documentos, antes que os jornais tenham acesso, entretanto, essa atitude é justificada como nobre, pois ele só realizou essa ação antiética para expor a Igreja e, conseqüente, assumir que estava errada em não aplicar penas mais duras, ou até mesmo expulsar, os padres que abusaram sexualmente das crianças.

Assim, a equipe de *Spotlight* representar a vontade dos que sofreram o abuso, permitir que todos saibam dos atos ilícitos da Igreja Católica, como foram tratados e como foram induzidos a aceitarem um acordo e permanecerem calados, pois eles não só sofreram uma violência não só sexual, mas também, espiritual. Semioticamente, os padres remetem a imagem de Deus, a algo puro e divino, ao se deixarem serem molestados era como se o próprio Deus estivesse com eles, as crianças.

Os crimes de abuso sexual assim como os delitos, os acidentes e as catástrofes são considerados notícias de interesse humano, pois relata a dor, a violência e a agressividade causados aos envolvidos, tendo como referência o seu íntimo, um meio estratégico de conseguir a empatia do público.

O JORNALISMO E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A expressão “representação social” surgiu a partir de um estudo elaborado por Serge Moscovici, na década de 50, e publicado no Brasil sob o título “A representação social da Psicanálise” em 1978, e mostra “[...] como a Psicanálise, uma teoria científica complexa, ao

ser difundida em determinada cultura, se transforma ao mesmo tempo em que modifica o social, a visão que as pessoas têm de si e do mundo em que vivem” (ALEXANDRE, 2001, p. 111).

Moscovici defende que os indivíduos não são apenas receptores passivos, mas sim participantes ativos de uma sociedade pensante, “elaboradores de um pensamento social onde constantemente (re)avaliam seus problemas e soluções” (PAVARINO, 2003, p. 6).

Em outras palavras, a sociedade e seus participantes são organismos pensantes, que comunicam entre si e possuem necessidades, e a representação social será a manifestação dessas necessidades, seja por mais segurança, saúde ou educação.

Porém, deve-se ter em mente que nem sempre essas necessidades são atendidas, conseqüentemente, as vozes desses indivíduos não são ouvidas, o que resulta na descrença do sistema em que vive. Para isso, eles precisam de um mediador que lute por suas demandas.

De acordo com Sant’Anna (2009, p. 435), ao contar suas histórias, os jornalistas atuam como representantes sociais, um canal de voz para toda a sociedade, um tipo de prestação de serviço público que transmite informações de grande impacto nos leitores do jornal e que seja feito um debate sobre o assunto e não omitido.

Pegando a equipe de *Spotlight* como exemplo, os repórteres do jornal deixam de lado a ideia de serem um mero compilador, um simples instrumento que resume todos os acontecimentos do dia-a-dia num parágrafo de quatro linhas (lide), e passam a atuar como os guardiões da integridade humana, dos vulneráveis.

A equipe representa os repórteres que trabalham com jornalismo investigativo, e a partir de uma denúncia feita e publicada em uma das colunas do jornal, *The Boston Globe*, começam o processo de pesquisa por vítimas que sofreram abuso sexual por padres da Igreja Católica, na cidade de Boston. Para isso, eles saem as ruas, a procura dessas histórias, relatos e depoimentos, desse modo conseguem concretizar a vontade das vítimas, que querem ser ouvidas.

Diante disso, o repórter põe em prática o conceito de “utilidade social”, tornando-se representante direto dos interesses dos cidadãos, respondendo “às preocupações dos leitores ou da audiência referentes a emprego, habitação, educação, segurança, qualidade de vida etc.” (ABREU, 2003, p. 30). No caso do filme, eles clamam por justiça em nome das vítimas que sofreram abuso, traduzida em uma narrativa legível ao público.

A partir dessa função de prestadores de serviço, pode-se destacar outra atividade paralela, a de fiscalizador,

“Uma outra forma de exercer o jornalismo de utilidade pública é a imprensa se apresentar como fiscalizadora do poder público. Nesse caso, ela está mais voltada para a denúncia de corrupção, para desvendar negócios ou ações ilícitas envolvendo personalidades da vida pública, seja da política, do meio artístico, empresarial e/ou esportivo. As revelações dizem respeito a questões que na maioria das vezes envolvem a justiça e a polícia” (ABREU, 2003, p. 33).

Por vivermos em uma sociedade constituída por vários sistemas, que juntos deveriam trabalhar pelo bem comum, é normal aparecer um ou outro que usa a sagacidade para tirar vantagem da inocência dos mais humildes. O jornalista surge nesse cenário para impedir que o povo saia prejudicado, de alguma forma, devido a essa atitude. E sua função inicial, de divulgar informações, promove um recorte da realidade e será salva como uma lembrança (boa ou ruim), que estará sempre gravada na memória da sociedade.

E os meios de comunicação em massa (o jornal *The Boston Globe*) serviram para potencializar a vontade dos vulneráveis, pois tem como característica atingir vários públicos heterogêneos, simultaneamente, num curto espaço de tempo. E o feedback desse público também será instantâneo, podendo ser favorável ou contra.

Quando a equipe *Spotlight* divulgou a história, do abuso sexual, do perfil das vítimas e de que pelo menos 87 padres da diocese de Boston estão afastados por “licença médica, ausência justificada, sem atribuição ou trabalho emergencial”, uma maneira discreta da Igreja dizer que eles foram tirados de suas atividades por conta do aliciamento de crianças, não só o público de Boston foi atingido, mas o mundo inteiro ficou chocado com essa notícia.

Nos momentos finais do filme, vemos todos os funcionários do jornal mobilizados para atender as ligações de denúncias, mostrando que os casos de abusos não só aconteceram em Boston, mas em outros países ao redor do mundo, inclusive, no Brasil.

O cardinal Sean O’Malley da Arquidiocese de Boston, no ano que o filme foi lançado, publicou nota, no jornal oficial da diocese, dizendo que a reportagem “é um chamado para a Igreja tomar responsabilidade por suas falhas e reforma-se – para lidar com o que era vergonhoso e oculto”⁹. A Rádio Vaticano chamou de honesto e atraente, e que ajudou a Igreja Católica dos EUA a “aceitar completamente esse pecado, a admitir em público e a pagar por todas as consequências”¹⁰.

E ao divulgar determinadas informações, que causa indignação na sociedade, o veículo de comunicação estará promovendo um movimento social de libertação contra a opressão, “a imprensa que permite ao cidadão alargar o seu conhecimento sobre as questões públicas,

⁹ “A call for the Church to take responsibility for its failings and to reform itself—to deal with what was shameful and hidden”.

¹⁰ “To accept fully the sin, to admit it publicly, and to pay all the consequences”.

evidentemente, não sobre o todo, e sim sobre parte do que se passa na sociedade” (ABREU, 2003, p. 26). Aquelas vítimas, que antes estavam receosas, agora estão estimuladas a contarem suas histórias, suas experiências semelhantes, e assim, enfrentarem o medo de serem estigmatizadas como as culpas da agressão.

Ao final, essas representações e movimentos de libertação social criarão uma consciência coletiva na sociedade, e agora estarão integradas ao discurso da opinião pública que luta pelo bem comum.

E como lembra Pereira Junior (2004), ela surge quando há perigo para a identidade coletiva, e por mais que a sociedade seja heterogênea, certos pensamentos afins poderão ser levantados, assim, estabelecendo “ligações e conexões significativas com as quais nos relacionamos e interagimos uns com os outros” (MORIGI, 2004, p. 6). O resultado final será o anseio por transformações social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme narra a história da equipe de repórteres do “*Spotlight*” e sua busca por vítimas que sofreram abuso sexual por padres da Igreja Católica da cidade de Boston, Estados Unidos. A equipe trabalha seguindo os moldes do jornalismo investigativo, que consiste na apuração de fatos, partindo de uma denúncia, consultando as mais diversas fontes a procura de mais informações. E o resultado será a revelação da verdade escondida, seja sobre o desvio ou lavagem de dinheiro ocorrido no atual governo, ou a citação de empresários em tal lista, isto é, aquela verdade que causará indignação moral na sociedade.

Melo (2015) diz que para que uma reportagem seja caracterizada como investigativa, precisa-se atender três pré-requisitos: “1) A investigação deve ser fruto do trabalho de um jornalista; 2) O tema da investigação deve ser relevante para o leitor; 3) O assunto deve ser algo que alguém está tentando ocultar do público”.

E ao realizar essa investigação, o jornalista estará exercendo o “jornalismo cidadão”, além de fornecer informações ao público, “[...] simultaneamente, lhes dá a possibilidade de levar suas demandas até os responsáveis pelas decisões que afetam a vida em sociedade” (ABREU, 2003, p. 26). Um dos seus desígnios é garantir a atuação da justiça perante os direitos dos cidadãos.

E, paralelamente, assume a posição de representante social, pois ao contar suas histórias, tornam-se um canal de voz para toda a sociedade, uma espécie de prestação de serviço público, ajudando a promover um movimento social de libertação contra a opressão.

Aquelas vítimas, que antes estavam receosas, agora estão estimuladas a contarem suas histórias, suas experiências semelhantes, e assim, enfrentarem o medo de serem estigmatizadas como as culpas da agressão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

_____. **Spotlight (film)**. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Spotlight_\(film\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Spotlight_(film))>. Acessado em: 24 abr. 2017.

ABREU, Alzira Alves de. Jornalismo cidadão. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 35-40, 2003.

AGUIAR, Leonel Azevedo de. O jornalismo investigativo e seus critérios de noticiabilidade: notas introdutórias. **Alceu**, v. 7, n. 13, p. 73-84, jul/dez, 2006.

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

DELCOLLI, Caio; NARDINI, Rafael. **11 filmes sobre jornalismo para você que adorou ‘Spotlight: Segredos Revelados’**. Brasília, 26 jan. 2017. Disponível em: <http://www.huffpostbrasil.com/2016/02/28/11-filmes-sobre-jornalismo-para-voce-que-adorou-Spotlight-segr_a_21685020/>. Acessado em: 22 abr. 2017.

DINIZ, Lilia. **As artes do jornalismo investigativo**. São Paulo, 31 out. 2013. Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/as_artes_do_jornalismo_investigativo/. Acessado em 27 set. 2016.

FARIAS FILHO, Otavio. **Filme “Spotlight” expõe entranhas da religião e da imprensa**. São Paulo, 07 jan. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/01/1726500-filme-Spotlight-expoe-entranhas-da-religiao-e-da-imprensa.shtml>>. Acessado em 30 mai. 2016.

FORTES, Leandro. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Contexto, 2005.

MELO, Seane Alves. **De que jornalismo investigativo estamos falando?**. Disponível em: <http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-b29faa73-0764-405e-8558-024d7ea913f0_2853.pdf>. Acessado em: 24 abr. 2017.

MORIGI, Valdir José. Teoria social e comunicação: representações sociais, produção de sentidos e construção dos imaginários midiáticos. **E-compós**. Belo Horizonte, n. 1, p. 1-14, 2004.

ORTEGA, Rodrigo. **Spotlight** cria suspense sutil e aposta na figura do jornalista-herói. São Paulo, 15 jan. 2016. Disponível: <<http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2016/01/Spotlight-cria-suspense-sutil-e-aposta-na-figura-de-jornalista-heroi-g1-ja-viu.html>>. Acessado em 30 mai. 2016.

PEREIRA JUNIOR, Alfred Eurico Vizeu. Jornalismo e representações sociais: algumas considerações. **E-compós**. Belo Horizonte, n. 1, p. 1-13, 2004.

SCHELP, Diogo. **Spotlight: o jornalismo investigativo não acabou**. São Paulo, 6 fev. 2016. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/a-boa-e-velha-reportagem/Spotlight-o-jornalismo-investigativo-nao-acabou/>. Acessado em 27 set. 2016.

TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1993.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Vol. 2. Florianópolis: Insular, 2005.

WAISBORD, Silvio. A sociedade civil pode mudar o jornalismo?. **Brazilian Journalism Research**. Brasília, v. 5, n. 1, p. 4-19, jan/jul, 2009.